

A PERFORMATIVIDADE DO GOLPE: Uma análise das imagens jornalísticas das manifestações contra o resultado das eleições no Brasil ¹

THE PERFORMATIVITY OF THE COUP: An analysis of journalistic images of protests against the result of the elections in Brazil

Regiane Lucas de Oliveira Garcêz²
Yasmine Feital Barbosa³
Sthefanie Castro Paiva⁴
Vinícius do Carmo Oliveira⁵

Resumo: O artigo busca compreender como se configuram as performatividades de grupos radicais da extrema direita que estiveram envolvidos em atos antidemocráticos após o resultado das eleições presidenciais de 2022, e ainda no período do mandato do então presidente Jair Bolsonaro, até 31 de dezembro. A partir da articulação entre as noções de performatividade de assembleia (Butler, 2018) e performance como repertório de ação (Tilly, 2008), foram analisados 128 reels do Instagram dos portais O Antagonista, Metrôpoles e Uol. O método utilizado foi a análise da materialidade audiovisual (Coutinho, 2018). Conclui-se que as performatividades desses grupos devem levar em conta a) as características da extrema direita contemporânea, b) os repertórios modulares e singulares bem como a atuação jornalística na incorporação das imagens amadoras.

Palavras-Chave: Performatividade. Jornalismo no Instagram. Extrema direita.

Abstract: The article seeks to understand how the performativities of extreme right-wing radical groups that were involved in democratic acts are configured after the result of the 2022 presidential elections, and even during the term of office of then-president Jair Bolsonaro, until December 31. Based on the articulation between the notions of assembly performativity (Butler, 2018) and performance as an action repertoire (Tilly, 2008), 128

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Democracia da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutora em Comunicação Social. E-mail: regianelucasgarcez@gmail.com.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG) e graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: yasminefeital@gmail.com.

⁴ Mestranda no (PPGCOM-UFMG) e graduada em Letras pela mesma universidade. E-mail: sthefaniempaiva@gmail.com.

⁵ Mestrando no (PPGCOM-UFMG) e graduado em Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: docarmoviniccius.rj@gmail.com.

Instagram reels from the portals O Antagonista, Metrôpoles and Uol were analyzed. The method used was the analysis of audiovisual materiality (Coutinho, 2018). It is concluded that the performativities of these groups must take into account a) the characteristics of the contemporary extreme right, b) the modular and singular repertoires as well as the journalistic performance in the incorporation of amateur images.

Keywords: *Performativity. Journalism on Instagram. Fa-right.*

1. Introdução

A teoria democrática tem prestado muito pouca atenção às performances reivindicatórias realizadas no espaço público bem como às imagens geradas por elas (Feola, 2018; Green, 2010). Michael Feola (2018) defende que há uma negligência em compreender o modo pelo qual os cidadãos consomem eventos políticos à distância. As performances são consideradas menos importantes que os discursos falados e em geral são analisadas como complementares a eles. Neste estudo, o objetivo é compreender a centralidade das imagens na reverberação de atos da extrema direita⁶ brasileira, os sentidos políticos produzidos e reconfigurados por elas e o modo como reiteram ou recusam princípios democráticos.

No Brasil, essas performances sempre fizeram parte do repertório de ação da sociedade civil, sendo acionadas por diferentes movimentos sociais e coletivos, progressistas ou conservadores. Em particular, nos interessa neste estudo analisar a série de atos antidemocráticos orquestrados entre outubro de 2022 e janeiro de 2023, com o objetivo de questionar o resultado das eleições presidenciais vencidas pelo candidato Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores). Indagamos como se configuram as performatividades de grupos radicais da extrema direita que estiveram envolvidos em várias ações, desde acampamentos em frente ao exército, protestos, queima de ônibus, entre outros.

⁶ Ainda que não seja consenso a forma de nomear a nova direita que emerge no Brasil a partir de 2013 (Miguel, 2018; Kaysel, 2015), neste estudo optamos por nomear esse grupo de manifestantes como extrema direita, ao invés de nova direita ou direita radical, a fim de dar ênfase ao caráter extremista dos atos antidemocráticos bem como conferir como novidade uma direita que vem sendo gestada desde o início do Brasil república (Kaysel, 2015).

A partir das discussões sobre a reemergência da extrema direita no Brasil (Miguel, 2018) e ativismo de direita (Solano, 2018; Tatagiba, 2018) contextualizamos as principais características do cenário político. Por meio das noções de performatividade (Butler, 2018) e performance como repertório de ação política (Tilly, 2008), analisamos 128 imagens produzidas sobre esses atos e publicadas em perfis do Instagram de veículos de imprensa de diferentes espectros políticos: Metrôpoles, Uol e O Antagonista. A metodologia utilizada foi a análise da materialidade audiovisual (Coutinho, 2018).

A relevância do artigo está, primeiro, na contribuição em superar a lacuna de estudos sobre democracia que consideram imagens e performances. Em segundo lugar, por meio das discussões sobre performatividade como repertório de ação política (Butler, 2018; Tilly, 2008; Garcêz *et al*, 2023), busca-se compreender as características do repertório de ação da extrema direita brasileira e o modo como reverberam aspectos da cultura nacional. Por fim, ao escolher analisar material audiovisual publicado no Instagram por perfis jornalísticos, na sua maioria de origem amadora, pode auxiliar na compreensão sobre novas formas de apropriação de imagens do jornalismo e seu uso nas redes sociais, em especial no caso de protestos.

O estudo está organizado da seguinte forma. Na próxima seção discutimos o papel dos protestos para a democracia e contextualizamos o ativismo de direita no Brasil. Na terceira seção apresentamos os aspectos metodológicos do estudo. Na quarta seção apresentamos os resultados e por fim, na quinta seção, a discussão.

2. A extrema direita e a má sociedade civil

Os confrontos políticos são parte de processos políticos, culturais e históricos que configuram as relações de força na sociedade (Tilly, 1978; 2005). Em grande parte dos estudos, as ações coletivas são vistas como benéficas para a sociedade, bem como para a democracia. Em particular, alguns apontam para os padrões de igualdade e justiça que podem ser desenvolvidos coletivamente (WALZER, 1993), para a importância do engajamento cívico para o bom funcionamento das

instituições (PUTNAM, 1996) ou para o papel de fomentar a participação em espaços de desigualdade política (COHEN, 1999). Charles Tilly (1978) dizia que não é possível haver democracia sem protestos. Mark Warren (2001) indica uma espécie de consenso no interior da teoria democrática sobre o valor da vida associativa para a democracia e do desenvolvimento de virtudes cívicas e redução de desigualdades de participação para quem está à margem do sistema político.

Entretanto, nem todas as associações ou agrupamentos são boas para a democracia (Warren, 2001; Chambers e Kopstein, 2001; Butler, 2018), pois podem disseminar discursos racistas, fascistas ou de ódio. As articulações de civis nem sempre visam o bem-estar de todos os grupos e podem ir na contramão dos ideais democráticos, promovendo o ódio e a intolerância. São grupos interessados em promover civilidades particulares, que não demonstram respeito mútuo por pessoas que compartilham diferentes visões de mundo e que frequentemente, encorajam atitudes que, com o apoio de multidões se tornam forças iliberais e ameaçam a saúde das democracias (Chambers e Kosptein, 2001).

A emergência da extrema direita no Brasil vem dando sinais de que flerta com os procedimentos antidemocráticos desde as jornadas de junho em 2013 (Solano, 2018), e de forma mais acentuada com o questionamento das eleições em 2015 (Pinto, 2017), com o golpe da presidenta Dilma Rousseff em 2016 e com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. A ruptura da estabilidade institucional somada ao aumento da vulnerabilidade social, ascensão do conservadorismo partidário e religioso, existência de um judiciário militante na figura do lavajatismo e antipetismo configuraram um cenário propício para a extrema direita (Miguel, 2018).

Luis Felipe Miguel (2018) define a reemergência da direita brasileira a partir de três características: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e uma reciclagem do antigo anticomunismo. Na primeira, a liberdade assim como a autonomia individual seriam valores acima de qualquer outra coisa. O Estado mínimo, a regulação da economia pelo mercado e o direito à propriedade privada são a concretude do libertarianismo. De um lado, Estado, esquerda, coerção e igualdade

compõem um universo de sentido e de outro liberdade, mercado e direita formam outro.

A segunda característica, - o fundamentalismo religioso – coloca a agenda moral no centro da política, no qual o debate e a existência do contraditório passam a ser anulados pela “verdade revelada” por meio da fé. A forte base popular, o crescimento da bancada evangélica e o alto investimento e controle dos meios de comunicação tendem a fortalecer ainda mais o fundamentalismo religioso da extrema direita.

A terceira característica seria sobreposição entre anticomunismo e antipetismo, transformando o segundo em um inimigo imaginário com o marxismo cultural e sua possível “manipulação das mentes”. A reedição do antigo comunismo também seria a “dissolução da moral sexual convencional e da estrutura familiar tradicional” (p. 32).

Acrescenta-se uma quarta característica da extrema direita, que consiste em uma defesa da ideologia repressiva (Lowy, 2015), expressa por aquilo que Marilena Chauí (2000) chamou de violência estrutural e que se materializa no culto à violência policial, defesa de porte de armas, autoritarismo, etc. Essa violência estruturante funciona historicamente não só como principal meio de tentativa de manutenção da ordem, mas também como meio de reforçar relações verticais de autoritarismo, conservadorismo e afirmação de privilégios.

Todas essas características ganharam força especialmente com o ativismo de direita que vai se fortalecendo a partir de 2013⁷. Com aspectos clássicos de movimentos sociais, como manifestações, atos, carreatas, marchas, bloqueio de ruas e ocupação do espaço público, esses movimentos se fazem reconhecer especialmente pelo uso de símbolos nacionais, como a camisa da Seleção Brasileira de Futebol, e “por um novo padrão de relação com as forças de segurança, marcados por sinais recíprocos de cordialidade e reconhecimento” (TATAGIBA, 2018, p. 118-9).

⁷ À frente do ativismo de direita o “Vem pra Rua”, o “Movimento Brasil Livre” (MBL), os “Revoltados on LINE” e o movimento neopentecostal, responsáveis por estruturar algumas das maiores manifestações da extrema direita (Tatagiba, 2018).

As cores não habituais dos protestos brasileiros que aparecem em 2013, somadas a outros repertórios de protesto como panelaço e motocicletas, desenharam uma nova estética dos protestos particularmente identificada com a direita. Não nos interessa compreender apenas essa nova estética, mas como ela se conforma em repertórios de ação, enraizados em práticas culturais, que buscam transformar sentidos da vida política democrática.

3. Performances como repertórios de ação

Neste estudo, para compreendermos como se configuram as performatividades de grupos radicais da extrema direita utilizaremos dois conceitos centrais: o de performatividade de assembleia (Butler, 2018) e o de performance como repertório de ação (Tilly, 2008)⁸. Entende-se por performatividades “um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos” (Butler, 2018; p. 35). Ao apresentar sua ideia da política de assembleia, Butler se refere a grupos de pessoas vulneráveis, que só por meio dos “corpos em aliança produzem uma fenda na esfera do aparecimento” (p. 57). A análise em tela não trata de pessoas sem oportunidade de participação ou visibilidade na esfera pública. Acredita-se, contudo, que a noção de performatividade nas ruas pode auxiliar a compreender como a política da aliança pode também funcionar como ato democrático e estimular outros tantos, como foi o caso dos ataques aos Três Poderes em Brasília, em 08 de janeiro de 2023.

Se de um lado compreendemos a aliança nas ruas como uma produção de novos sentidos ou cristalização de outros, de outro recorremos à ideia de que os protestos devem ser considerados como performances condicionadas pela cultura local, costumes e valores, mas sempre sujeitas ao imprevisível (TILLY, 2005; 2006; 2008). Tilly (2005) define características “modulares” os atributos semelhantes encontrados em confrontos de diferentes contextos, e como “singulares”

⁸ Movimento teórico semelhante foi feito em estudo sobre a presença de mulheres nas manifestações latino-americanas em 2019 (Garcêz *et al*, no prelo).

características particulares encontradas em cada cultura, nos "símbolos e segredos locais" (p. 223).

Compreendidas como "agrupamentos de *repertórios* de rotinas reivindicatórias" (2006, p. 35), as performances gravadas em vídeo são a unidade de análise deste estudo. A partir das interações, as performances modificam os repertórios, de maneira ininterrupta, envolvendo processos como escolha, interpretação, compreensão, improviso ou aprendizagem, de maneira a considerar os contextos de microinteração social. Por isso, só é possível captar essas performances por meio de imagens.

Procedimentos

Em etapa exploratória foi realizado um levantamento em diferentes plataformas para a identificação dos aspectos audiovisuais das manifestações da extrema direita, visto que o nosso objetivo passa por compreender o caráter visual dessas ações. Foram observadas páginas de pessoas públicas como influenciadores, ativistas, políticos, e de organizações jornalísticas e partidárias. O período observado foi de 31 de outubro, primeiro dia após o resultado das eleições - a 31 de dezembro, último dia do mandato do candidato derrotado Jair Bolsonaro. Neste universo, chamou-nos a atenção o modo como páginas de jornais reproduzem, com certa constância, vídeos caseiros, gravados de câmeras de celulares de maneira amadora.

Os critérios para a definição das páginas analisadas consideraram a) jornais com versões online representantes de diferentes posicionamentos políticos e b) jornais que se dedicam a produzir ou replicar conteúdo audiovisual. Optou-se por analisar os perfis desses jornais na plataforma Instagram, considerando a emergência do consumo da rede social entre os hábitos dos brasileiros, assim como as *affordances* próprias da plataforma potencialmente voltadas para a produção e consumo eminentemente audiovisual. Os jornais escolhidos foram Metrôpoles (@metropoles)⁹, com posicionamento mais à esquerda, O Antagonista

⁹ <https://www.instagram.com/metropoles/>

(@o_antagonista)¹⁰, com posicionamento mais à direita e Uol (@uoloficial)¹¹, identificado como jornal nativo digital de mídia tradicional. No período da coleta, realizada no mês de fevereiro de 2023, esses perfis possuíam os seguintes números de seguidores, respectivamente: 1,7 milhões, 460 mil e 2 milhões.

A unidade de análise consiste nos *reels* produzidos ou replicados por esses perfis. São vídeos curtos que duram até um minuto e meio. Foram coletados todos os *reels* que mostram explicitamente diferentes manifestações da extrema direita brasileira nesses três perfis, totalizando 128 vídeos, sendo 49 do Metrôpoles, 38 do Antagonista e 37 do Portal Uol.

Os procedimentos analíticos, tanto para a sistematização quanto para a análise, foram baseados na análise da materialidade audiovisual (COUTINHO, 2018; COUTINHO; MATA, 2018). A metodologia, comumente utilizada para analisar material telejornalístico, leva em conta o composto texto + som + imagem + tempo + edição, sem desconsiderar códigos, sentidos e símbolos. Além da etapa de definição da amostra, foram seguidas as outras quatro etapas propostas. Na primeira, foi realizada a identificação do objeto audiovisual, o *reels*, e suas particularidades, tais como as dinâmicas de produção, circulação e consumo jornalístico no Instagram.

No segundo passo elaboramos uma ficha de análise com os seguintes eixos de observação: informações básicas (data, síntese da notícia e jornal), forma da postagem (amadora/profissional, texto da legenda e descrição da cena com movimentos de câmera) e elementos da performatividade: a) demanda da manifestação (novas eleições ou questionamento do resultado das eleições, intervenção federal, fora PT/Lula, ajuda de Bolsonaro, pela liberdade de expressão e de protesto); b) Identificação do inimigo comum (Lula/PT, STF, Alexandre Morais, Comunismo/Socialismo), c) Repertórios de ação (motociata, acampamento, invasão, bloqueio de estradas ou ruas, performances, orações ou manifestação religiosa, queima de pneus ou outros objetos, depredação do patrimônio, outras manifestações na rua), d) Características das palavras de ordem (nacionalistas, em defesa do Bolsonaro, com menções ao Lula/PT/STF/comunismo, religiosas, menção

¹⁰ https://www.instagram.com/o_antagonista/

¹¹ <https://www.instagram.com/uoloficial>

às Forças Armadas, e) vestimentas (predominância de roupas em verde e amarelo ou de outras cores), f) uso de objetos (bandeira do Brasil, objetos religiosos, faixas, etc), g) paisagem sonora (palavras de ordem, hino nacional, ofensas, som ambiente, pessoas discursando), h) microinterações (descrição da relação que os participantes estabelecem entre si no repertório/performance, tais como marchar conjuntamente, promover peça de teatro na rua, se juntam para atacar o carro) e i) se houve uso de violência (verbal, física, depredação de patrimônio ou de bens particulares ou não houve). Para todos os eixos analíticos foi incluída a alternativa "não é possível identificar".

A terceira etapa consistiu em realizar um pré-teste da ficha conjuntamente entre os autores, como teste de confiabilidade. Por fim, na quarta etapa, houve a construção de parâmetros de interpretação dos dados, na qual todos os eixos analíticos foram discutidos e refinados conjuntamente entre os autores.

4. Resultados

A impressão inicial de imagens majoritariamente amadoras nos perfis se confirmou. Ao todo, 76,6% de imagens foram identificadas como amadoras, 20,3% como produzidas pelos próprios portais e em 3,1% dos vídeos não foi possível identificar. O Antagonista foi quem mais utilizou imagens amadoras (89,5%), seguido do Metrôples (79,6%) e do Portal Uol (70,2%). São imagens, em geral, tremidas, com movimentos de câmera rápidos, excesso de *travelings* e poucos closes.

Em seguida, apresentamos os dados de modo a sistematizar as performatividades da extrema direita: a) primeiro mapeamos as demandas feitas nas manifestações e se era possível identificar um inimigo comum b) depois foram identificados os tipos de repertórios de ação e por fim c) os componentes desses repertórios, como vestimentas, objetos e paisagem sonora. Esses elementos foram identificados em cada um dos perfis separadamente, e depois em conjunto.

Demandas e inimigo comum

A reivindicação por novas eleições ou questionamento dos resultados é elemento constante na maioria dos vídeos, representando 42,2% do total de *reels*. Considerando as páginas jornalísticas separadamente, essa reivindicação também é maioria, com vídeos que mostram bolsonaristas bradando “fora PT” ou “o ladrão não sobe a rampa”, em referência ao presidente eleito Lula. Muitos vídeos são incitações e convocações a apoiadores, como o do Deputado Federal General Girão publicado pelo Antagonista, alegando fraude nas urnas e sugerindo a mobilização de apoiadores do ex-presidente contra “a instalação do comunismo” no país.

A reivindicação por intervenção federal é a segunda demanda mais recorrente, no total e individualmente, somando 11,7% das postagens, sendo que em alguns vídeos essa demanda é acompanhada pelo pedido de novas eleições. Fazem apelos principalmente às Forças Armadas, mas também à instância federal. As imagens mostram bolsonaristas em ato em frente a quartéis de várias cidades, cartazes com as frases “SOS Forças Armadas” ou “Use a Bic, presidente”, em referência à caneta que Bolsonaro poderia usar para assinar um documento de intervenção. Dentre as imagens, uma multidão em Porto Alegre gritando “intervenção federal” (FIG. 1).

Em terceiro lugar, 8,6% das reivindicações clamam pela prisão de Lula ou que mencionam o presidente de forma pejorativa e violenta, além de atos contra o Partido dos Trabalhadores, como o vídeo que conta com a participação de Nelson Piquet, no qual pede “Lula no cemitério” (FIG. 2).

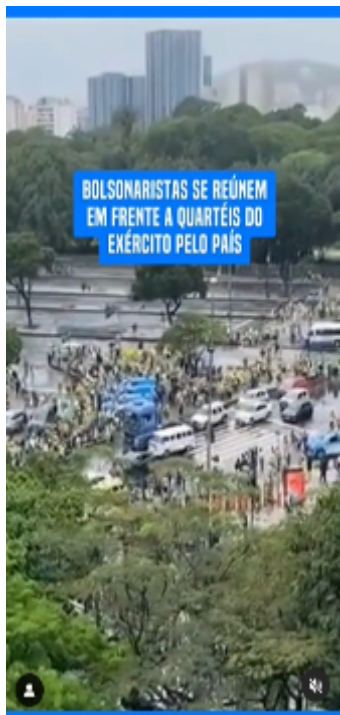


FIGURA 2: Captura de tela de reels com Nelson Piquet

Fonte: Uol – 03/11/2022



FIGURA 1: Capturas c

tela de vídeo com diferentes manifestações

Fonte: Uol – 02/11/2022

Em 3,9% dos vídeos há demanda por liberdade de expressão e de protestos bolsonaristas – publicados pelo Antagonista e Uol, como o vídeo em que desenham,

com lanternas, uma cruz (FIG. 3). Em 3,1% dos *reels* apoiadores solicitam a ajuda do ex-presidente para solucionar eventuais adversidades, como no vídeo do Uol sobre a prisão do pastor Átila Mello, por ordem de Alexandre de Moraes. Em 27,3% dos conteúdos não foi possível identificar nos protestos uma demanda definida.

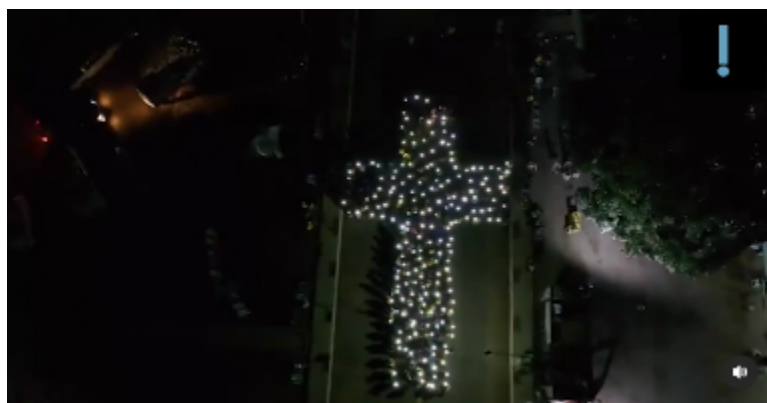


FIGURA 3: Capturas de tela de *reels* de bolsonaristas pedindo liberdade
Fonte: O Antagonista – 05/12/2022

Na maior parte dos *reels*, 65,6%, não há inimigos identificados. O mesmo acontece nas análises individuais das páginas. Nos outros 34,4% identificamos a recorrência de quatro nomes/instituições: Lula/PT, Alexandre de Moraes, STF e o comunismo. Desses, 15,8% atacam Lula ou o PT, 3,9% Alexandre de Moraes, 3,9% o STF e 3,1% o comunismo.



FIGURA 4: Capturas de tela de vídeo no qual bolsonaristas comemoram suposta prisão de Alexandre de Moraes
Fonte: Uol – 02/11/2022

Um vídeo mostra a comemoração feita após a notícia falsa de que Alexandre de Moraes teria sido preso (FIG. 4). Num primeiro momento é mostrada a comemoração de bolsonaristas que estavam acampados. A segunda passagem mostra uma mulher ajoelhada, vociferando “a conquista” do país enquanto bate a mão no peito repetidamente. “O Brasil é nosso! Não é deles, é nosso”, diz. Em muitos vídeos é mencionada a frase “a nossa bandeira jamais será vermelha”, em alusão ou ao comunismo ou ao PT.

Repertórios de ação

Dentre os repertórios de ação encontrados nos vídeos, o mais frequente em todos os perfis é o bloqueio (de estradas/rodovias, ruas ou automóveis), com 32% (FIG. 5). A maior parte dos vídeos apresenta filmagens em planos mais abertos, mostrando a fila criada pelas pessoas com carros e caminhões, buzinações, assim

como filmagens de pneus incendiados ou policiais conversando com os bolsonaristas. Um vídeo mostra o pai de uma criança que tenta passar pelo bloqueio para levar o filho para o hospital, mas sem sucesso. Além dos bloqueios, 15,6% dos *reels* foram feitos nos acampamentos em frente aos quartéis. Os vídeos dimensionam a amplitude dos acampamentos por meio de filmagem em plano aberto e contínuo (FIG. 6).



FIGURA 5: Captura de tela de vídeo de bloqueio de estrada
Fonte: Metrôpoles – 31/10/2022



FIGURA 6: Captura de tela de vídeo de acampamento
Fonte: O Antagonista – 15/12/2022



FIGURA 7: Captura de tela de vídeo de casamento no acampamento
Fonte: Metrôpoles – 08/12/2022

O terceiro tipo de repertório de ação mais frequente são as performances de bolsonaristas que aparecem em 10,1% dos vídeos. São ações majoritariamente individuais em acampamentos, bloqueios ou manifestações, embora algumas sejam coletivas, como a da Figura 3. Exemplos dessas ações são os vídeos de um casamento no acampamento (FIG. 7), de um manifestante preso em frente a um caminhão que furou o bloqueio na rodovia (FIG. 8), e outro bolsonarista que se ajoelha em frente aos carros (FIG. 9). Em um vídeo, um manifestante reza "Agora nós vamos interceder pela nossa nação, interceder por esse movimento, senhor Deus, eterno pai, eu coloco diante da tua presença preciosa meu pai todos os que estão aqui meu pai, em espírito, em verdade, é a igreja do senhor é que clama" [...].

Outras manifestações na rua somaram 11,7% das ocorrências. São vídeos que evidenciam ações coletivas como aplausos à chegada de um contêiner na Bahia com “fuzis para a intervenção”.



FIGURA 8: Bolsonaro preso ao caminhão
Fonte: Uol – 23/11/2022



FIGURA 9: Bolsonaro ajoelhado
Fonte: Metrôpoles – 23/11/2022



FIGURA 10: Atriz Cássia Kiss em oração durante o protesto
Fonte: O Antagonista – 28/11/2022

As motociatas, que ficaram famosas no governo Bolsonaro, aparecem apenas uma vez, no Portal Uol. Há também vídeos de manifestações religiosas ou orações (5,7%) (FIG. 10); vídeos de queima de pneus ou de outros objetos (6,6%), de depredações feitas em patrimônios públicos ou privados (3,9%) e de invasões a ambientes privados, PRF ou ônibus escolar (3%).

A violência também fez parte das ações de protesto. Do total de vídeos, 33,6% mostrava algum tipo de violência física (12,5%), verbal (14%) ou ao patrimônio público ou privado (7%). Um exemplo de violência é o vídeo do Uol sobre o apoiador

de Lula, que gravou um vídeo indo tomar café em um acampamento de apoiadores de Jair Bolsonaro (PL), em Itapema, próximo a Balneário Camboriú, em Santa Catarina, mas foi descoberto e humilhado pelos manifestantes. Sentado em uma cadeira, é obrigado a tirar o boné do MST e pisar nele. Os bolsonaristas dizem: “Nós somos brasileiros rapaz, pra você tomar vergonha na cara. Tira o boné da cabeça agora e pisa em cima pra nós, vai! Isso aí, pisa em cima. Aí ó! O que a gente faz com petista é assim! Isso aí ó, toma o café aí [...]. Você foi vagabundo! Nós estamos aqui há 19 dias lutando pra gente igual você! Seu lixo!”.

Em outro vídeo (FIG. 11), uma mulher leva um tapa no rosto de um manifestante bolsonarista. Na sequência, o agressor e outro homem depredam o carro da vítima. À Polícia Militar, a mulher afirmou que a motivação foi política, uma vez que ela estava comemorando a eleição presidencial do candidato Lula.

Em um *reels* publicado por O Antagonista, agentes da secretaria de segurança do Amazonas e uma equipe do conselho tutelar que visitam um acampamento no Comando Militar da Amazônia, em Manaus, são ofendidos: “Vocês estão fazendo papel de ridículos, pau mandados!”. Ou ainda, em *reels* do Portal Metrôpoles, manifestantes que bloquearam a rodovia Hélio Smidt são afastados pela Polícia Rodoviária Federal com o uso de spray de pimenta, em Guarulhos, São Paulo. Como resposta, os bolsonaristas proferem diversos xingamentos, como “filha da put*”.



FIGURA 11: Bolsonaroistas chutam carro de apoiadora de Lula
Fonte: Uol – 23 /11/2023



FIGURA 12: Protesto em frente a Forças Armadas
Fonte: Uol – 15/11/2022

A violência física pode ser bem exemplificada no caso de uma mulher que teve o carro depredado ao passar pela Avenida Epitácio Pessoa, em João Pessoa (FIG. 11). Ela também foi fisicamente agredida pelos manifestantes que contestavam o resultado das eleições. Durante o ato violento, é possível ouvir um dos manifestantes dizendo: "Calma pessoal" Logo na sequência do vídeo a mulher agredida aparece sendo levada para a delegacia por policiais. No vídeo, ela diz "Oi gente, tô fazendo esses stories aqui pra dizer que eu estou sendo levada pela PM pra delegacia central [...] sem meu óculos, porque meu óculos foi atacado, foi tirado do meu rosto porque eu fui atacada por Bolsonaroistas [...]”.

Componentes dos repertórios de ação

As vestimentas nas cores verde e amarela são predominantes em 42% dos vídeos, como pode ser observado nas figuras 1 e 4, ou estão em número equilibrado com outras cores, em 21% das imagens. Em 19,5% outras cores eram prevalentes.

Dentre os objetos utilizados nas manifestações, a bandeira do Brasil aparece em 60% das imagens. Faixas e cartazes são objetos que também aparecem de maneira recorrente nos vídeos, muitas vezes sendo as únicas fontes de informação para que se identifique a demanda do grupo reunido. As frases estampadas nas faixas em geral pedem intervenção militar ou ajuda das Forças Armadas (FIG. 12).

Outros objetos aparecem de maneira menos frequente, como os celulares utilizados como lanterna/sinalizador. Assim como em shows e partidas de futebol, o uso dessas lanternas causa impacto visual, especialmente quando visto por imagens aéreas ou plano aberto (FIG. 3).

Em outros dois vídeos aparecem objetos religiosos, tais como os usados pela atriz Cássia Kiss. Enquanto a atriz ergue a estátua de Nossa Senhora de Aparecida, os manifestantes rezam ao seu redor unissonamente guiados por um homem ao microfone. Há uma espécie de altar em cima da bandeira do Brasil Império.

Em relação à paisagem sonora, a maior parte dos vídeos possui som ambiente não identificado (53,1%). Em segundo lugar, aparece a recorrência de palavras de ordem em 22,7%. São, em geral, relacionadas ao Brasil, como o brado de multidões dizendo “Brasil! Brasil! Brasil!” ou “O povo unido jamais será vencido!”, frase associada ao patriotismo latente que acompanha os protestos. “Forças Armadas, salvem o Brasil” é o mais popular entre as palavras de ordem relacionadas aos militares. Também são encontradas menções a Lula, ao PT, ao STF e ao Comunismo, tais como “comunistas”, “Supremo é o povo”. Gritos como “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos” e “Deus, pátria e família” e orações a santos, à Deus ou a extraterrestres são exemplos da convergência entre elementos religiosos e conservadores e o nacionalismo.

Xingamentos aparecem em 19,5% dos vídeos e aparecem, em geral, quando a polícia dispersa manifestantes que estão realizando bloqueios ou atrapalhando a ordem pública de alguma maneira.

5. Discussão

A partir dos dados analisados, sintetizamos nossa discussão em três dimensões da performatividade das ruas: a) as características da extrema direita brasileira, b) repertórios de ação singulares e modulares e c) natureza das imagens amadoras.

A performatividade nas características da extrema direita brasileira contemporânea

É importante destacar, em primeiro lugar, que em um número significativo de postagens, 27,3%, não foi possível identificar qualquer demanda ou motivo do protesto. Mesmo após a análise dos vídeos e das suas legendas, muitas dessas postagens mencionavam algum acontecimento, bloqueio de estradas, manifestações, dentre outros, sem necessariamente esclarecer o motivo do protesto. No máximo identificava que era feito por bolsonaristas.

Em segundo lugar, foi possível identificar nos protestos, de maneira tímida, aquilo que parte da literatura indica como características da extrema direita brasileira: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e um novo anticomunismo (Miguel, 2018). Apenas em 3,6% as imagens mostraram a demanda por liberdade de expressão e protesto. O fundamentalismo religioso foi identificado de modo um pouco mais expressivo, seja por meio de performances religiosas, objetos, faixas ou palavras de ordem. Alguns dos repertórios de ação eram performances exclusivamente religiosas, 5,7%, com súplicas a Deus e orações como “Pai nosso” e “Ave Maria”. Em outras o aspecto religioso se misturava a outros elementos. Muitos dos *reels* mostravam camisetas e faixas onde lia-se “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”, “Deus, pátria e família” ou frases contra o aborto. Alguns vídeos mostravam a presença de um pastor convocando manifestantes. A identificação de um inimigo comum, típico de discursos fascistas, não é tão recorrente (34,4%), mas das vezes que aparece reitera principalmente o discurso anticomunista e equipara antipetismo a anticomunismo na figura de Lula e do PT (cerca de 15%).

De outro lado, as imagens nos mostram duas características mais recorrentes e interligadas: o nacionalismo e a defesa da repressão via Forças Armadas, o que Lowy (2015) identificou como ideologia repressiva. A presença de bandeiras do

Brasil em cerca de 60% das imagens, a predominância de vestimentas verde e amarelo e os dizeres “o Brasil é nosso”, “quem está aqui é patriota”, etc, invoca o nacionalismo que encontra nas Forças Armadas a sua expressão máxima.

O apelo às Forças Armadas é ainda mais forte que o bolsonarismo, podendo ser identificado em algumas falas como “Nós queremos o exército, não queremos mais o Bolsonaro”, “Nós queremos o exército brasileiro nas ruas!”. A reverência aos militares justificaria inclusive o uso da violência. Logo, conclui-se que a principal característica revelada pelas imagens da extrema direita é a associação do patriotismo com as forças armadas, absolutamente reverenciadas nesses protestos, reeditando um capítulo da história que resultou na ditadura de 1964.

A performatividade nos repertórios de ação modulares e singulares

A maior parte das imagens mostra repertórios de ação convencionais, ou modulares, como bloqueio de estradas e ruas ou agrupamento de pessoas nas ruas, acionam elementos culturais brasileiros como bandeiras do Brasil, camisas de futebol e aspectos religiosos e repressivos. Como enfatiza Tilly (2005), os repertórios de ação política possuem forte enraizamento nos aspectos culturais de uma localidade e não é surpresa que esses mesmos elementos sejam encontrados também em imagens das várias manifestações denominadas Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada em 1964 contra o comunismo e em apoio à intervenção militar.

Outros repertórios de ação não convencionais, como a motociata, os acampamentos frente a quartéis, performances religiosas ou orações coletivas são incomuns nos repertórios de ação coletiva. Ainda que sejam incomuns, não possuem caráter disruptivo pois embora a ação pareça inovadora, a demanda em si é reacionária. Reforça aspectos culturais e históricos associados a elementos não democráticos, como a ditadura, a intervenção militar, Estado não laico e, no caso das motociatas, o direito de poucos às ruas.

Há que se considerar ainda os repertórios de ação de confronto violentos, encontrados em 33,6% dos *reels*, considerando violência física, verbal e patrimonial.

Tilly (2006) defende que em regimes nos quais há baixa capacidade governamental e pouca democracia há a tendência de que grupos diferentes instaurem atos de violência entre si. Já quando há alta capacidade governamental e poucos recursos democráticos a tendência é que seja instaurada uma “zona de autoritarismo” na qual a violência e a repressão estão nas mãos do Estado. Diferentemente, nos regimes democráticos os repertórios de ação contestatórias tendem a ser modulares, tais como reuniões, panfletagem, marchas e outros modos não violentos (Tilly, 2006; p. 72).

Os conflitos entre grupos polarizados evidenciam essa baixa capacidade governamental e os poucos recursos democráticos disponíveis, sendo que a eleição, um dos recursos com maior apreço democrático, estava sendo questionada. Muito mais do que a violência como repertório de ação, ela caracteriza, nos atos antidemocráticos, uma ambiência particular na qual atiradores são convidados a participar, onde manifestantes se dizem “prontos para a guerra” ou sugerem a morte de Lula, como no caso de Nelson Piquet.

A performatividade nas imagens amadoras

A estética das imagens utilizadas nos *reels*, ainda que tenham sido coletadas de veículos jornalísticos, possuem características caseiras, sendo quase 80% declaradas como amadoras. O fenômeno de incorporação de imagens triviais, gravadas pelos leitores, não existe apenas em coberturas de protestos, mas tem, neste estudo, um papel importante. Primeiro, em vários vídeos analisados é possível observar ofensas à imprensa (Globo, Jovem Pan, CNN e Uol). Há um ambiente hostil a jornalistas. Isso faz com que o acesso aos acampamentos e demais protestos seja prejudicado e o uso das imagens amadoras passa a ser uma solução. Em segundo lugar, ainda que sejam imagens amadoras, passam pelo crivo jornalístico, que, em alguma medida reproduz os critérios de noticiabilidade, optando por imagens de acontecimentos imprevisíveis, violentos ou espetaculares. Obviamente o jornalismo passa a ter a sua disposição vídeos produzidos por não

jornalistas e, desse modo, reduz o poder de escolha, o que interfere na mediação tradicional e configura o que podemos chamar de um jornalismo reativo.

Essas imagens possuem baixa definição, dificultando a visibilidade e a compreensão dessas imagens, mesmo quando associadas às legendas que as acompanham. São vídeos tremidos, com movimentos de câmera rápidos, ou muito próximos ou muito distantes do objeto que se quer gravar, excesso de *travelings* na tentativa de mostrar a amplitude, poucos closes e quando existem são no formato de *selfies* muito próximas a quem fala/grava.

A despeito disso, o jornalismo se apropria desses vídeos, não apenas pela dificuldade de acesso aos protestos, mas também pela possibilidade de instantaneidade oferecida, característica própria do ecossistema midiático. Evidentemente isso interfere nas performatividades dos protestos e na amplitude da visibilidade que se tem deles, alimentando a guerra cultural também pelas imagens.

6. Considerações finais

Este estudo buscou lançar luz aos elementos culturais e performativos que constituem a ação da extrema direita nos atos antidemocráticos que antecederam a posse do presidente Lula. Foram elencadas as principais características das imagens, os principais repertórios de ação, além de problematizar o papel do jornalismo no Instagram e o modo como se apropria de imagens amadoras. Acredita-se que o estudo contribui com as discussões sobre as imagens na teoria democrática e na centralidade destas para compreender a política contemporânea e os atos antidemocráticos no Brasil.

Referências

- BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. **A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política**. Insight Inteligência, 2016.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. Perseu Abramo, 2000.
- CHAMBERS, Simone; KOPSTEIN, Jeffrey. Bad civil society. **Sage Journals**, vol.29, no 6, p.837-865, 2001.
- COUTINHO, Iluska Maria da Silva. Compreender a estrutura do audiovisual e experimentar o audiovisual - Da dramaturgia do jornalismo à análise da materialidade. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (Orgs.). **Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro**. 1.ed. Florianópolis: Insular, 2018.
- FEOLA, Michael. The Body Politic: Bodily Spectacle and Democratic Agency. **Political Theory**, v. 46, n. 2, p. 197-217, 2018.
- KAYSEL, André. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. **Direita, volver**, p. 49-74, 2015.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.
- LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, nº 124, 2015.p. 652-64
- MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, p. 17-26, 2018.
- MESSEMBERG, Debora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, volume 32, no.3, 2017.
- PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 119-153, 2017.
- PUTNAM, R. D.. **Making democracy work: Civic traditions in modern Italy**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1993.
- SOLANO, Esther. **Crise da democracia e extrema-direita no Brasil**. Friederich Ebert Stiftung, 2018.
- TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. **Lusotopie**, v. 17, p. 112-135, 2018
- TILLY, Charles. **Contentious performances**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- _____. **From mobilization to revolution**. Boston: Wesley Publishing Co., 1978.
- _____. **Identities, boundaries & social ties**. Boulder, CO/Londres: Paradigm Publishers, 2005
- _____. **Regimes and repertoires**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.
- WALZER, M.. **Spheres of Justice: A Defence of Pluralism and Equality**. Oxford: Basil Blackwell, 1983.
- WARREN, Mark E. **Democracy and association**. Princeton University Press, 2001.